



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA LUIZA MARTINS TEIXEIRA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UM
ESTUDO COM MULHERES VITIMIZADAS**

**LAVRAS - MG
2020**

ANA LUIZA MARTINS TEIXEIRA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UM
ESTUDO COM MULHERES VITIMIZADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário de
Lavras como parte das exigências da
disciplina Seminários de Pesquisa do curso
de graduação em Psicologia.

Orientadora: Paula de Deus Vieira

**LAVRAS - MG
2020**

ANA LUIZA MARTINS TEIXEIRA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UM
ESTUDO COM MULHERES VITIMIZADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário de
Lavras como parte das exigências do curso
de graduação em Psicologia.

APROVADO EM: 27/10/2020

ORIENTADORA

Paula de Deus Vieira/Centro Universitário de Lavras



MEMBRO DA BANCA



Cleonice de Faria Barbosa /Centro Universitário de Lavras



MEMBRO DA BANCA

Maria Camila Lima/ Centro Universitário de lavras

**LAVRAS – MG
2020**

Ficha Catalográfica preparada pelo Setor de Processamento Técnico
da Biblioteca Central do UNILAVRAS

T266r Teixeira, Ana Luiza Martins.
 Representações sociais da violência de gênero: um estudo
 com mulheres vitimizadas/ Ana Luiza Martins Teixeira. –
 Lavras: Unilavras, 2020.
 38f

 Monografia (Graduação em Psicologia) – Unilavras,
 Lavras, 2020.
 Orientador: Prof. Paula de Deus Vieira.

 1. Gênero. 2. Mulher. 3. Violência. 4. Representações
 sociais. I. Vieira, Paula de Deus (Orient.). II. Título.

Aos meus pais, Jânia e Marcelo.

A todas as mulheres.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me dar forças e por sempre guiar meus caminhos.

Com muito carinho, agradeço também:

Ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

À minha professora orientadora e amiga, Paula, por ingressar nessa busca junto a mim e por todo o auxílio prestado.

A todos os professores do curso de Psicologia do Centro Universitário de Lavras que através dos seus ensinamentos permitiram a conclusão deste trabalho e meu crescimento enquanto estudante e futura profissional. Dentre eles, gostaria de destacar a minha gratidão à professora Cleonice, pelo suporte durante a disciplina de Seminários de Pesquisa, à professora Maria Camila, pelas importantes contribuições e ao professor Ismael, pelo suporte nos Estágios Clínicos.

A todas as mulheres que participaram desta pesquisa, sinônimo de luta e força.

Aos meus amados pais, Jânia e Marcelo, por sempre me incentivarem a estudar e por tornarem o sonho de cursar Psicologia possível.

Aos meus familiares, por sempre me apoiarem.

Ao meu namorado, Aécio, pelo companheirismo e carinho.

A todos os meus amigos e colegas por torcerem por mim e por compreenderem as minhas ausências durante o período de pesquisas e estudos.

A todos os seres que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

*“No dia em que
for possível à mulher o
amor não em sua
fraqueza, mas em sua
força, não para
escapar de si mesma,
mas para se encontrar,
não para se abater,
mas para se afirmar.
Naquele dia o amor se
voltará para ela, assim
como para o homem, a
fonte de vida e não de
perigo mortal.”*
Simone Beauvoir.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO RESULTADO DA DIVISÃO SOCIAL DE GÊNEROS	11
2.2 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	12
2.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	14
3 MATERIAIS E MÉTODOS	17
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	17
3.2 LOCAL DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA	17
3.3 PARTICIPANTES	17
3.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	17
3.5 ASPECTOS ÉTICOS	18
3.6 ABORDAGEM DOS SUJEITOS DA PESQUISA	18
3.7 BENEFÍCIOS	19
3.8 RISCOS	19
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
4.1 DEFINIÇÃO DE FEMININO E MASCULINO	20
4.2 VISÃO SOBRE O AGRESSOR	21
4.3 VIOLÊNCIA DE GÊNERO	22
5 CONSIDERAÇÕES GERAIS	24
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICE – A	29
APÊNDICE – B.....	33
APÊNDICE – C	34
APÊNDICE – D	35

RESUMO

Introdução: A violência contra a mulher é representação da dominação do gênero masculino sobre o feminino, reflexo de uma sociedade patriarcal. Questionou-se nesta pesquisa se a divisão de gêneros socialmente construída interfere na forma como as mulheres enxergam a violência sofrida e como a violência é representada pelas vítimas subjetivamente. **Objetivo:** A presente pesquisa teve como objetivo identificar quais são as Representações Sociais (RS) da violência de gênero para mulheres vítimas desta através da teoria das RS de Serge Moscovici (1978). **Método:** Foi realizada uma pesquisa qualitativa de campo com um grupo de seis mulheres que sofrem ou sofreram violência de gênero a respeito do tema, utilizando-se como instrumento a entrevista semiestruturada. O método de interpretação utilizado foi a Análise de Conteúdo, de Bardin (1977) logo após o fim da coleta de dados. **Resultados:** Os resultados apontaram para uma representação do homem como provedor, forte e da mulher como mãe, frágil, sensível, fazendo esses conceitos de gênero uma espécie de função de justificar os atos agressivos. As mulheres atribuem diversas causas à violência, como o machismo e a falta de educação do homem, acreditam que o agressor deve ser punido. Representam a violência como algo que traz sofrimento. **Conclusão:** Concluiu-se que as mulheres da pesquisa representam a violência de gênero de forma subjetiva, de acordo com sua vivência, através das falas sobre seu sofrimento, e socialmente, através dos conceitos de gênero e das diferenças atribuídas entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Gênero; Mulher; Violência; Violência de Gênero; Representações Sociais

1 INTRODUÇÃO

Na maioria das culturas são atribuídas características diferentes a homens e mulheres, através da divisão de gêneros. Nessa separação, o poder é atribuído aos homens e as mulheres são colocadas em posição de submissão. Esse poder é exercido por meio da organização familiar patriarcal que tem como pano de fundo a dominação masculina. Quando a ideologia de gênero não é o bastante para manter a dominação, a violência surge como forma de imposição.

Segundo a OMS (2002) apud Lamogly & Minayo (2009), mulheres e homens podem praticar e sofrer violência dentro das relações, porém, as mulheres são atingidas mais gravemente devido às diferenças de gênero socialmente construídas. Para Serpa (2010), a violência contra a mulher engloba aspectos econômicos, históricos e culturais, oriundos de uma sociedade que tem o homem como centro, que não valoriza o trabalho da mulher de forma equitativa e responsabiliza as mulheres pelo cuidado dos filhos, além de legitimar a violência de gênero.

Considera-se o estudo do tema de grande relevância, uma vez que diversas mulheres sofrem violência de gênero, o que traz prejuízos físicos, sociais e emocionais à vítima e prejudica também o desenvolvimento socioeconômico do país (NARVAZ & KOLLER, 2006). A violência é um crime contra a mulher, que tem a lei 11.340/2006, denominada de Lei Maria da Penha, para ampará-la e para punir o agressor (MENEGHEL, MUELLER, COLLAZIOL & QUADROS, 2013).

Tratando-se de um tema multifatorial, está ligado a diversas áreas do conhecimento, sendo a Psicologia uma delas, diante do fato de que a violência traz sofrimento psíquico à vítima, além de ser a violência psicológica uma das manifestações da violência de gênero (SILVA, COELHO & CAPONI, 2007). Assim, no decorrer de sua prática, o Psicólogo pode se deparar com a necessidade de se trabalhar com vítimas de violência de gênero e compreender como essa violência se dá, além do nível individual, também a nível social.

De acordo com Silva et al (2007), a violência psicológica pode ser o ponto inicial para causar a violência doméstica. As mulheres vítimas da violência de gênero atribuem a ela significados, ou seja, representam-na de diferentes formas, sendo que “As principais representações da violência são objetivadas como frequente, desarmônica e depreciativa. A mulher na maioria das vezes manifesta reações pela violência sofrida com passividade, vergonha, decepção, culpa e sofrimento.” (FONSECA, RIBEIRO & LEAL, 2012, p. 313).

Diante disso, pretendeu-se identificar e analisar as Representações Sociais da violência de gênero através do discurso de mulheres que sofreram ou sofrem esse tipo de violência embasando-se na teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici que consiste, segundo Sá (1996) na explicação de determinado fenômeno ou objeto pelo senso comum. Se referem, então, ao que Moscovici (1978) denominou de universo consensual, ou seja, àquele que é familiar, de domínio popular.

Esta pesquisa buscou confirmar a hipótese de que os conceitos de divisão de gênero impostos pelo patriarcado estão presentes na forma como as mulheres representam a violência sofrida, a nível social, sendo um dos fatores que pode fazer com que estas assumam uma postura de tentar justificar o ato violento, de sentir culpa, sofrimento entre outras. Buscou também identificar como a violência é representada subjetivamente, quais são para a vítima os significados e sentimentos decorrentes da situação de violência.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO RESULTADO DA DIVISÃO SOCIAL DE GÊNEROS

A violência de gênero foi, por muito tempo, considerada assunto particular, referente apenas ao agressor e à vítima. Graças ao movimento feminista, essa ótica pôde ser mudada, tornando-se um assunto público, conforme aponta Silveira, Nardi & Splinder (2014, p. 324) “Como forma de denúncia e de luta contra as formas institucionais e não institucionais de dominação masculina, o movimento feminista foi responsável por denunciar a violência de gênero como algo de dimensão pública e coletiva”. A fim de se trazer à tona esse assunto, faz-se importante o esclarecimento da diferença entre sexo e gênero.

Segundo Strey (1998) sexo está ligado às características biológicas, enquanto gênero está atrelado a como a sociedade faz de um macho um homem e de uma fêmea uma mulher. Dessa forma, gênero é uma concepção social e historicamente construída, na qual se concede *status* diferentes para homens e mulheres

Gênero é uma categoria histórica que pode ser concebida em várias instâncias: como aparelho semiótico, como símbolos culturais carregados de significados, como hierarquias de poder, como uma gramática sexual regulando tanto relações heterossexuais quanto homossexuais (PRESSER, MENEGHEL & HENNINGTON., 2008, p. 127).

De acordo com Olinto (1998), o termo gênero pode ou não incluir sexo, enquanto a variável sexo diz respeito às características anatômicas e fisiológicas. Assim, representam objetos diferentes. De acordo com pesquisas transculturais realizadas por Strey. (1998), gênero e sexo não são iguais e a divisão do trabalho nas sociedades tem base no gênero.

Como uma das consequências da hierarquia de poder surge a violência, que engloba várias determinações, como o conflito de autoridade e o desejo de domínio e aniquilamento do outro, trazendo impactos por meio de lesões, traumas e morte, sendo um problema de saúde pública (Ministério da Saúde, 2005). Nesse sentido, a violência de gênero se dá como consequência da hierarquia de poder de um gênero sobre o outro. Segundo Araújo (2008), consiste em um conceito amplo e a violência contra a mulher é uma das principais ocorrências da violência de gênero.

A violência de gênero no contexto da violência contra a mulher “[...] leva em conta não as diferenças biológicas, mas sim as diferenças na dimensão social, que implicam nas desigualdades sociais, econômicas e no exercício do poder entre homens e mulheres”

(RANGEL & WENCZENOVIZ, 2016, p. 145). Na sociedade patriarcal, a hierarquia de poder é exercida mantendo a dominação do patriarca da família e colocando a mulher em situação de dependência e submissão.

Alguns fatores são apontados como constituintes da violência de gênero, como “as questões de poder, gênero, classe social, alcoolismo e transmissão de padrões abusivos de relação através das gerações” (NARVAZ & KOLLER, 2006, p. 11).

No que se refere à relação entre o patriarcado, a divisão de gêneros e a violência contra a mulher, entende-se que estes estão correlacionados, uma vez que certos comportamentos são entendidos como naturais do homem ou da mulher, colocando o homem como agressivo, forte, chefe da família e a mulher como sensível e submissa (MUSKAT, 2008).

Quando a ideologia de gênero não basta para manter a dominação, a violência se apresenta como instrumento para tal:

Com efeito, a ideologia de gênero é insuficiente para garantir a obediência das vítimas potenciais aos ditames do patriarca, tendo este necessidade de fazer uso da violência. Nada impede, embora seja inusitado, que uma mulher pratique violência física contra seu marido/companheiro/namorado. As mulheres como categoria social não têm, contudo, um projeto de dominação-exploração dos homens. E isto faz uma gigantesca diferença. (SAFFIOTI, 2001, p. 115).

Sendo assim, dentro de suas múltiplas determinações, a violência de gênero pode ser entendida como aquela violência em que há um exercício de poder do homem sobre a mulher, colocando-a em lugar de submissão e causando-lhe prejuízos. Segundo KRONBAUER & MENEGHEL (2005, p. 1) a

(...) violência de gênero pode ser conceituada como qualquer ato que resulta ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, inclusive ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária de liberdade em público ou na vida privada, assim como castigos, maus-tratos, pornografia, agressão sexual e incesto.

Deste modo, ao longo deste estudo procurou-se verificar se os conceitos de gênero exercem influência sobre as Representações Sociais de mulheres vítimas de violência gênero em relação à mesma bem como sobre sentimentos decorrentes da situação violenta vivida.

2.2 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A violência de gênero pode atingir a vítima física, psicológica, moral ou sexualmente, “(...) tal violência ocorre motivada pelas expressões de desigualdades baseadas na condição de sexo, a qual começa no universo familiar, onde as relações de gênero se constituem no protótipo de relações hierárquicas”. (BANDEIRA, 2014, p. 250). Conforme pesquisa realizada por

Cortez, Souza & Queiroz (2010), através da divisão de gêneros são atribuídas certas características aos homens e às mulheres, sendo elas controladas por uma visão patriarcal, onde o homem é colocado como chefe da família e possuidor de poder. Os relatos da pesquisa mostraram concepções tradicionais patriarcais das funções dos gêneros, através dos papéis de bons pais, maridos, esposas e mães.

Para Serpa (2010, p. 316) “A cultura patriarcal, no decorrer da história, impôs ao feminino uma lógica de dominação e opressão. As mulheres tinham o seu papel reconhecido socialmente apenas enquanto mães e esposas e, mesmo no espaço doméstico, o pai era a figura de poder”.

Assim como o gênero, a família também é socialmente construída “[...]as diferentes formas de organização familiar foram, portanto, *inventadas* ao longo da história. Uma destas formas de organização, centrada na figura masculina, foi a família patriarcal.” (NARVAZ & KOLLER, 2006, pp. 49-50, grifos das autoras). A família se torna uma forma de manter a dominação patriarcal, centralizando o poder nas mãos da figura masculina e colocando a mulher em situação de subjugação.

Como reflexo da dominação patriarcal, a violência de gênero é, muitas vezes, praticada por pessoas da mesma família, com ou sem relação parental, principalmente pelo companheiro ou ex-companheiro da mulher, sendo, então, encaixada na violência doméstica. Assim, “A violência doméstica é concebida como todo o tipo de violência que inclui membros do grupo, com ou sem função parental, que convivam no espaço doméstico, incluindo pessoas que convivam esporadicamente neste espaço” (NARVAZ & KOLLER, 2002, p. 8).

Aquele contexto da vida do indivíduo que deveria ser de acolhimento e proteção, passa a ser ameaçador, causando sofrimentos físico e psíquico (Serpa, 2002). De acordo com Muskat (2008, p. 126), “As práticas violentas de homens contra suas companheiras não se esgotam na violência física e estão inseridas dentro de um código perpetuado na cultura, que as associa a valores quanto à concepção de masculinidade”.

Segundo o Ministério da Saúde (2001 citado por Silva et al., 2007), a violência doméstica pode ser dividida em:

- violência física, que é aquela em que é utilizada a força física, armas ou instrumentos para causar ou tentar causar dano;
- violência sexual, que é caracterizada por obrigar uma pessoa a realizar práticas sexuais contra sua vontade;
- a negligência, que é entendida como a falta de responsabilidade dos membros da família em relação aos outros;

- e a violência psicológica que é aquela que causa danos à saúde mental da pessoa, podendo ser ponto de partida para a violência física.

Para Silva et al. (2007) a diferenciação entre violência psicológica e física se dá principalmente pela primeira ser referente à agressão por meio de palavras, gestos e olhares sem haver o contato físico. Enquanto a violência física envolve agressão corporal à vítima.

De acordo com Fonseca & Leal (2012) existe ainda a violência patrimonial que diz respeito à destruição de bens materiais, objetos ou documentos.

O feminicídio é considerado a forma máxima de violência contra a mulher, sendo ele a morte violenta de uma mulher pela sua condição de gênero” (Gomes, 2018, p. 1).

Em pesquisa realizada por Fonseca & Leal (2012), constatou-se que as violências mais frequentes são a psicológica e a física, sendo a violência psicológica a mais encontrada e a primeira a ocorrer. Para as vítimas o sofrimento psíquico é mais intenso do que na agressão física, além da violência psicológica comprometer a saúde psicológica da vítima e ter caráter silencioso e crônico (FONSECA & LEAL, 2012).

Para Moreira et al. (2008, p. 1058), “A violência vivida pela mulher deixa sequelas não apenas físicas, mas também psicológicas e sociais”. Já Silva et al. (2007) apontam problemas de saúde acarretados devido à violência psicológica, tais como síndrome do pânico, depressão, tentativa de suicídio, distúrbios alimentares e dores de cabeça, nos braços, nas pernas e nas costas.

Em estudo realizado por Netto et al. (2014), surgiram quatro Ideias Centrais que dizem respeito sobre as consequências da violência contra a mulher, sendo elas o comprometimento da conservação da energia da mulher, da integridade estrutural, da integridade pessoal e da integridade social. Cabe, ainda, apontar que as diferenças de gênero e o status do homem como um ser violento, forte, prejudicam também os próprios homens, estando associadas a violência, agressividade e mortalidade (DANTAS & MELLO, 2008).

Sendo a violência de gênero um assunto de saúde pública, que traz consequências físicas, psicológicas e sociais às vítimas, considera-se a importância de se questionar e conhecer como essas mulheres representam a violência sofrida, a fim de balizar possíveis reflexões e intervenções no campo da Psicologia Social para o atendimento dessas vítimas.

2.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Desde a Antiguidade, o ser humano vem mostrando uma necessidade de explicar o mundo à sua volta. Os mitos, das sociedades consideradas primitivas, deram lugar às Representações Sociais em nossa sociedade.

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. Moscovici (1981 apud SÁ, 1996, p. 31). Rever

Segundo Sá (1996), Moscovici apresentava resistência para definir com precisão as Representações Sociais devido à possibilidade de limitação do conceito. Porém, podemos entender, de forma simplificada, as Representações Sociais como uma explicação de determinado fenômeno ou objeto pelo senso comum. Nesse sentido, seria um “conjunto de explicações, crenças e ideias comuns a um determinado grupo de indivíduos; resultam de uma interação social, sem perder de vista, contudo, a questão da individualidade” (MORAES et al., [200-?], p. 2).

Para Moscovici (1978), existem duas classes de pensamento diferentes na sociedade, sendo elas os universos reificados (não familiar) e os universos consensuais (familiar). Desse modo, ao passo que os universos reificados corresponderiam à ciência, ao pensamento objetivo, lógico, metodológico, os universos consensuais seriam correspondentes ao senso comum. O universo consensual seria, então, as representações sociais, ou seja, uma forma de compreender o mundo e o que acontece nele, de tornar familiar o que é não familiar, de restaurar a consciência coletiva e lhe dar forma, esclarecendo objetos e acontecimentos de forma acessível às pessoas.

De acordo com Jodelet (2001, p. 21), as Representações Sociais são encontradas nos discursos e nas palavras e são veiculadas pela mídia

[...] Estas representações formam um sistema e dão lugar a teorias espontâneas, versões da realidade encarnadas por imagens ou condensadas por palavras, umas e outras carregadas de significações – concluiremos que se trata de estados apreendidos pelo estudo científico das representações sociais.

Portanto, por meio da comunicação, são estabelecidas Representações: “Com as representações sociais, tratamos de fenômenos observáveis diretamente ou reconstruídos por um trabalho científico” (JODELET, 2001, p. 17). As Representações Sociais são consideradas complexas e estão sempre presentes na vida social. São constituídas por diversos elementos, que sempre aparentam um saber que diz algo sobre a realidade (JODELET, 2001).

A teoria das Representações Sociais recebeu contribuição de vários autores até a sua elaboração por Serge Moscovici, entre eles Levy Bruhl, Piaget, Freud e Durkheim, sendo esse último o criador da teoria das Representações Coletivas, que serviu como elemento básico para a elaboração de uma teoria da religião, da magia e do pensamento mítico desse autor.

Assim, de acordo com Gama, Santos & Fofonca (2010, p. 2), Moscovici realiza uma releitura do conceito de Representações Coletivas:

O conceito de Moscovici nasce da releitura crítica feita sobre as noções de representação coletiva da teoria funcional de Durkheim, uma vez que, para o psicólogo francês, as representações coletivas são por demais abrangentes para darem conta da produção do pensamento na sociedade na atualidade.

Moscovici (1978) confere, então, um caráter mais individual ao conceito de representações coletivas, criando sua própria teoria.

De acordo com Abric (1994 apud Sá, 1996), rever citação as Representações Sociais possuem quatro funções essenciais, sendo elas

- as funções de saber, que permitem às pessoas obterem o saber sobre algo pelo senso comum, facilitando a comunicação social;
- as funções identitárias, que definem as identidades específicas dos grupos;
- as funções de orientação, que orientam o comportamento dos indivíduos e definem como se deve agir em determinado contexto social e
- as funções justificatórias, que permitem, a quem pratica determinada ação, justificá-la.

Moscovici (1978) caracterizou dois processos formadores de representação social: ancoragem e objetivação. O primeiro está ligado à transformação de algo estranho em familiar, ancora ideias estranhas em conceitos comuns, ao passo que o segundo transforma um objeto abstrato em concreto através da associação com figuras previamente conhecidas

A duplicação de um sentido por uma figura, pela qual se dá materialidade a um objeto abstrato, é cumprida pelo processo de objetivação. A duplicação de uma figura por um sentido, pela qual se fornece um contexto inteligível ao objeto, é cumprida pelo processo de ancoragem. (SÁ, 1996, p. 46).

Segundo Jodelet (1984 apud Sá, 1996), o processo de ancoragem diz respeito à integração a um pensamento social já existente do objeto representado, assim como às transformações envolvidas nesse processo. Já a objetivação permite que o objeto se torne concreto, reproduzindo o conceito em uma imagem; ou seja, ligando aquilo que é verbal a um equivalente não verbal.

Assim, considera-se a relevância de se estudar os conceitos existentes dentro da teoria das Representações Sociais no que tange à Violência de Gênero, com a finalidade de se conceberem as formas como as mulheres vítimas de violência a representam.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Com o intuito de pesquisar as Representações Sociais construídas por mulheres vítimas de violência de gênero, utilizou-se como instrumento metodológico a entrevista semiestruturada, na qual “O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal” (BONI & QUARESMA, 2005, p. 75). Desse modo, foram realizadas cinco questões abertas previamente elaboradas pelas pesquisadoras e o conteúdo das entrevistas foi anotado pelas pesquisadoras com o consentimento das participantes.

Dessa forma, a pesquisa lançou mão da análise qualitativa dos dados:

As entrevistas qualitativas são largamente empregadas na pesquisa social, podendo ser de vários tipos e responder a objetivos diversos. Uma de suas finalidades é a de compreender um contexto particular, assim como a de ajudar na construção de modelos teóricos (FRASER & GONDIM, 2004, p. 150).

Essa análise consistiu em uma pesquisa de campo, ou seja, uma investigação na qual é realizada a coleta de dados junto a pessoas além da revisão bibliográfica (FONSECA, 2002).

3.2 LOCAL DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na instituição de ensino superior Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS).¹

3.3 PARTICIPANTES

As entrevistas foram realizadas com uma amostra de seis mulheres em situação de violência doméstica com idade entre 40 e 70 anos, vinculadas a um projeto de grupo de reflexão para mulheres denominado “Dê Voz ao Seu Silêncio”, da cidade de Lavras – MG.

3.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

¹ No projeto inicial a pesquisa seria realizada no local em que o grupo de reflexão ocorreria, porém, no período de coleta de dados, o grupo ainda não estava realizando encontros presenciais, então alterou-se o local, preservando-se o sigilo e privacidade necessários. As participantes foram abordadas por intermédio da idealizadora do grupo.

A seleção das mulheres foi feita por conveniência, sem necessidade de utilização de análise estatística.

A análise dos dados foi feita utilizando-se a Análise de Conteúdo, de Bardin (1977), que consiste em um conjunto de técnicas, procedimentos sistemáticos e objetivos de análise das comunicações, visando a descrever os conteúdos das mensagens para fazer inferências sobre eles. Dentro da Análise de Conteúdo, foi escolhida a técnica da análise por categorias, que é subdividida em três fases, sendo elas:

- a pré - análise, através da leitura geral do material das entrevistas;
- a exploração ou codificação do material, onde as respostas foram divididas em categorias para interpretação, sendo elas: Definição de feminino e masculino; Visão sobre o agressor; e Violência de Gênero;
- o tratamento, a inferência e a interpretação dos dados, com o objetivo de captar os conteúdos manifestos e latentes presentes nas repostas das entrevistas.

Os dados foram analisados e discutidos dentro da perspectiva da teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) e da perspectiva da divisão de gêneros socialmente construída.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Lavras. As identidades das pesquisadas foram e continuarão sendo preservadas, bem como o sigilo do que disseram e a preservação de sua privacidade serão mantidos. Cada uma das participantes assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que explicava sobre a pesquisa e garantia sua privacidade e o direito de desligamento da pesquisa a qualquer momento do estudo.

3.6 ABORDAGEM DOS SUJEITOS DA PESQUISA

As participantes da pesquisa foram abordadas por intermédio da Psicóloga idealizadora de um grupo de reflexão para mulheres, denominado “Dê Voz ao Seu Silêncio”. Antes de se iniciar as entrevistas, as participantes foram informadas do que se tratava o estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que as informava dos aspectos éticos

concernentes à pesquisa. Além disso, a idealizadora do grupo assinou um termo de autorização que também informava sobre os procedimentos éticos do estudo.

3.7 BENEFÍCIOS

O estudo da violência contra a mulher é uma forma de dar visibilidade ao tema, bem como promover reflexões acerca do assunto.

Acredita-se que esta pesquisa possa contribuir para o estudo e atuação de Psicólogos no atendimento de mulheres vítimas de violência doméstica, uma vez que, o conhecimento da Representação Social da Violência de Gênero por parte da vítima, pode nortear ações no âmbito da Psicologia, em especial a Psicologia Social, para com essas mulheres, podendo melhor atendê-las, tanto no sentido de tratamento quanto no sentido de prevenção à violência de gênero.

3. 8 RISCOS

Esta pesquisa não apresentou riscos físicos, mentais e morais às participantes. Os riscos de exposição e constrangimento foram evitados preservando o anonimato das entrevistadas e na divulgação dos resultados. Além disso, as entrevistas foram feitas em local reservado e as participantes tiveram a liberdade de escolher entre responder ou não as questões.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise de conteúdo das entrevistas os temas foram divididos em três categorias, sendo elas: Definição de feminino e masculino; Visão sobre o agressor; e Violência de Gênero, que serão discutidas com base na teoria das Representações Sociais e nos conceitos sobre gênero.

4.1 DEFINIÇÃO DE FEMININO E MASCULINO

Quanto à definição de gênero masculino e feminino, percebeu-se que a Representação Social construída pelas mulheres é a do homem como provedor, autoritário, forte, e da mulher como sensível, mãe, carinhosa, assim como relatado na fala da Entrevistada 2, ao ser questionada sobre o que para ela é ser homem e ser mulher:

“É agir certo com a família, cuidar da família, da esposa, dos filhos, ser trabalhador, ter amor em tudo e todos. Ser mulher é muito bom, né, mas é a parte mais fraca em respeito à vida a dois. Mas eu fui forte” (Entrevistada 2).

Como pode ser observado, a Entrevistada 1 também trouxe essa representação em seu relato

Ser homem é... se achar o lado forte, intocável, dominante, ou pode ser amável e doce como uma mulher. Teria que ser o ponto de apoio, complemento para ambas as partes. Ser mulher é ser forte sem ser, sem estar disponível ou capaz, é passar por cima de tudo, sobre todas as coisas sem pensar no seu próprio prazer. É servir, ser mãe, tia, ponto de apoio, carinhosa, aconchegante, carismática, é ser o complemento em tudo ou qualquer situação. É dar aquele jeitinho. Ser mulher é ser forte o bastante para resolver qualquer coisa. (Entrevistada 1)

Em consonância com a fala das mulheres, está o estudo de Strey et al. (1998, p. 10), o qual revela que a diferenciação entre os gêneros implica uma separação na qual, na maioria das culturas, o homem é colocado como possuidor de força e a mulher como fraca, frágil

De todos os modos, as pesquisas transculturais revelam que, de uma maneira geral, os homens são vistos como mais ativos, com mais necessidade de realização, de domínio, de autonomia, sendo também mais agressivos. Já as mulheres seriam vistas como mais fracas, menos ativas, mais preocupadas com suas necessidades afiliativas e de afeto.

Exemplificando bem o processo de objetivação, no qual, como apontado por Jodelet (1984), se procura reproduzir um conceito em uma imagem, para concretizá-lo, identificou-se uma tendência a definir o que é ser mulher utilizando-se da imagem de Nossa Senhora, na tentativa, assim, de trazer aquilo que é abstrato, desconhecido, para uma imagem que, de certa forma, é conhecida e remete à figura feminina como pura, mãe:

O que é ser mulher... é ser abençoada por Deus e Nossa Senhora, o poder de dar a vida, carregar a vida no ventre, ser um pouco de tudo: educadora, psicóloga, médica, contribuir para formar os seres para a vida e para a sociedade e não é só essa contribuição, têm as mulheres que preferem ou não podem ter essa responsabilidade, nem por isso são menores ou menos valorizadas, porque a mulher, independente de ser mãe ou não, tem uma sensibilidade muito grande para com tudo e todos e também podemos contribuir com o desenvolvimento e progresso do mundo. (Entrevistada 4).

Desse modo, percebe-se a presença da função identitária, quando as mulheres definem identidades específicas aos grupos de homens e mulheres, conferindo diferenças aos sexos feminino e masculino. Pode haver também a função justificatória, que se pauta nas características atribuídas aos gêneros para justificar a violência sofrida e até mesmo manter o relacionamento, como pode se observar na fala da entrevistada ao ser questionada acerca da possibilidade de mudança do agressor:

Dez por cento de mim acredita, noventa por cento não. Isso já é da índole, né, mas talvez o tipo de agressão ocorra provocado também pela outra parte, porque existe muita mulher mau caráter, né, que gosta de se expor e coloca a outra parte em situação difícil causando ciúmes. Porque se ele não revida, chama de 'veado', algo assim. Aí, ele vai revidar mesmo tentando protegê-la. Erra tentando acertar, né. Aí, entra esses dez por cento (Entrevistada 1).

Assim, como citado por Muskat (2008, p. 125):

Comportamentos que envolvem práticas tais como: agressão física, ofensas verbais, desqualificação sistemática da/o companheira/o, negligência afetiva em relação a/o companheira/o e/ou aos filhos, negligência financeira em relação aos filhos e/ou companheira, proibição de que esta exerça algum trabalho fora do âmbito doméstico, interdição da vida social, acusações que põem em dúvida o caráter moral da mulher, violência praticada por homens sob efeito de substâncias tóxicas (principalmente álcool), infidelidade conjugal, atos violentos desencadeados por ciúme e tantos outros, não são identificados nem como práticas violentas nem como atos que visam à manutenção do lugar de poder, mas sim como práticas naturais, ligadas a um ou outro sexo.

Dessa forma, colocam-se determinadas características como intrínsecas ao homem ou à mulher, reproduzindo-se a ideologia de gênero, justificando-se a prática violenta por meio dos conceitos de gênero socialmente construídos.

4.2 VISÃO SOBRE O AGRESSOR

No que diz respeito à categoria sobre a visão do agressor, foi muito presente o discurso de que o homem deve ser punido, como pode ser observado na fala da Entrevistada 1:

“Deve ser punido, com certeza. E deve se divulgar para que outras pessoas não tenham que passar pela mesma circunstância, mesma dor, sufoco, tristeza e situação”. (Entrevistada 1).

Ainda assim, segundo Jong, Sadala & Tanaka (2008), pesquisas apontam que os casos de violência doméstica são subnotificados e aquelas mulheres que denunciam, muitas vezes, voltam atrás na decisão no Brasil e em outros países.

Na fala a seguir, é possível identificar a Ancoragem, quando, segundo Jodelet (1984), justifica-se e/ou ancora-se em algo previamente conhecido e/ou aceito:

Eu acho que o homem é muito machista, acha que ele sempre tem razão e não é assim, né. Os direitos são iguais. Eu acho assim, que a gente deve ser firme pra não deixar eles ganharem o poder da gente, eu consegui, né, ser acima dele, criar meus filhos, abrir meu negócio e hoje sou chamada de guerreira (Entrevistada 2).

Assim, realiza-se o processo de buscar no conceito de machismo, popularmente conhecido, a explicação para o comportamento agressivo dos homens, o que, de certa forma, está em consonância com o fato de este comportamento masculino estar atrelado à sociedade patriarcal. Ainda que isso não seja identificado de forma precisa pelas mulheres, elas demonstram conseguirem perceber a dominação masculina através do conceito de machismo.

4.3 VIOLÊNCIA DE GÊNERO

No que se refere à violência de gênero, ao serem perguntadas sobre o que elas acreditam ser o conceito, compreende-se que as mulheres o definem como algo que não é somente físico. Elas representam a violência de gênero também como psicológica, referindo-se aos sentimentos de ameaça e angústia, como apontado nas falas da Entrevistada 1 e da Entrevistada 3:

“Eu entendo que tudo que agride, físico ou psíquico, que traz dor e angústia, que nos leva a se sentir triste e vazia, que faz a gente se excluir ou desistir de ser ou estar em qualquer lugar e que principalmente nos diminui, isso, sim, é violência de gênero”. (Entrevistada 1).

“Quando a gente se sente ameaçada”. (Entrevistada 3).

O estudo de Silva et al. (2007) revela que a identificação da violência psicológica é mais difícil. Já o presente estudo mostra que esse quadro pode estar mudando, uma vez que as

mulheres atrelam a violência à ameaça, falam sobre violência psíquica e relatam subjetivamente seus sentimentos diante da violência, não focando somente nas consequências físicas.

Ainda assim, parece existir a tentativa de justificar tal violência ancorando-se em fatores como a falha na educação recebida pelo homem, os problemas financeiros e até mesmo as características da própria mulher, como a falta de amor próprio, o que pode indicar um sentimento de culpa. Assim, quando perguntadas sobre o que acreditam ser a causa da violência e qual sua opinião sobre o tema, esses fatores são citados:

“Falta de amor próprio, algumas vezes problemas financeiros... Não acredito que tenha somente uma causa”. (Entrevistada 5).

“Eu acredito que homens que submetem a mulher à violência física e/ou emocional, esse homem traz também na sua bagagem emocional um quadro de violência, de agressividade, ou até uma criação onde esse homem não aprendeu a lidar com o não desde criança”. (Entrevistada 6).

“Incapacidade do homem, falta de educação”. (Entrevistada 3).

Portanto, a representação social da violência de gênero é de algo que agride a vítima que ameaça, que traz sofrimento e sentimentos de tristeza e angústia. O que se percebe é que as mulheres compreendem o fenômeno da violência de gênero de forma subjetiva, ou seja, através de sua própria vivência, e coletiva, através do pensamento social, e não através de uma explicação científica. Isso está de acordo com o caráter subjetivo e coletivo que Moscovici (1978) dá às Representações Sociais.

5 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Por meio da presente pesquisa, foi possível entender que a Representação Social da violência de gênero por parte das vítimas tem sua configuração pautada nas diferenças atribuídas aos gêneros, sendo esse um conceito que parece exercer função justificatória para a situação de violência. Assim, atribui-se aos homens a força, a autoridade, a função de “chefe do lar”, e às mulheres, a sensibilidade, a compreensão, a passividade. Pautam-se na ideia do feminino e do masculino justificando a ocorrência da violência. Essa representação tem forte componente social, uma vez que vivemos em uma sociedade patriarcal, que atribui o poder ao homem. Já a um nível mais pessoal e subjetivo, a Representação Social da violência de gênero por parte das vítimas é como aquilo que traz dor, angústia, ameaça, tristeza.

Para elas, as causas se devem ao ciúme, à força física, à falta de educação por parte do homem e à falta de amor próprio por parte da mulher, entre outras. Não se referem às relações de poder especificamente, porém, reconhecem o machismo no agressor, são a favor da punição pelos seus atos e têm consciência de que a violência não é apenas física. Com isso, pode-se inferir que a configuração do reconhecimento da violência psicológica e da importância da punição ao agressor vem mudando, num sentido de tomada de consciência sobre a prejudicialidade da violência.

Assim, apesar de a sociedade ainda ser patriarcal e dos conceitos de gênero estarem presentes nas Representações Sociais, as mulheres vêm cada vez mais conquistando seu espaço, tomando consciência sobre as injustiças sofridas por elas, enxergando a dominação de forma mais clara e tentando navegar contra essa maré.

Acredita-se na importância da ampliação do conhecimento sobre as diferenças de gênero socialmente construídas, podendo ser esta uma via de reflexão e até mesmo mudança desses conceitos, trazendo consequente impacto na diminuição da violência de gênero e do sofrimento decorrente desta.

Contribui esta pesquisa para o campo da Psicologia Social, que abarca os campos da Psicologia e da Sociologia, articulando as Representações Sociais e a violência de gênero, podendo o trabalho sobre a diferenciação de gêneros ser uma via de intervenção no âmbito da violência de gênero e da violência doméstica, sem se dispensar a escuta empática, o acolhimento dessas mulheres e o trabalho com outras questões concernentes ao tema.

É importante que haja mais estudos referentes ao tema, a fim de se conhecer mais sobre como mulheres representam a violência sofrida por elas, com o intuito de dar visibilidade ao tema e de se compreender melhor esse fenômeno, tanto a nível psicológico quanto a nível social.

Recomenda-se estudos direcionados à como se dá a construção dos conceitos de gênero desde a infância e que aprofundem nesses conceitos, através das contribuições de teóricas e teóricos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Maria de Fátima. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 14, out. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2000000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 set. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, 1977.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Soc. estado.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, ago. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. ISSN 1806-5023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>>. Acesso em: 20 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Impacto da Violência na Saúde dos Brasileiros**. Brasília, DF, 2005.

CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio; QUEIROZ, Sávio Silveira de. Violência entre parceiros íntimos: uma análise relacional. **Rev. Psicol. polít.**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 227-243, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

DANTAS, Benedito Medrado; MELLO, Ricardo Pimentel. Posicionamentos críticos e éticos sobre a violência contra as mulheres. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. spe, p. 78-86, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000400011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

FONSECA, Denire Holanda da; RIBEIRO, Cristiane Galvão; LEAL, Noêmia Soares Barbosa. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 307-314, ago. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Ceará, [s/e], 2002.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, ago. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

GAMA, Adriana Ferreira; SANTOS, Aline Renée Benigno; FOFONCA, Eduardo. Teoria das representações sociais: Uma análise crítica da comunicação de massa e da mídia. **Revista**

eletrônica Temática, v. 6, n.10, p. 03-08, out. 2010. Disponível em <<https://docplayer.com.br/4032053-Teoria-das-representacoes-sociais-uma-analise-critica-da-comunicacao-de-massa-e-da-midia.html>>. Acesso em 22 set. 2020.

GOMES, Izabel Solyszko. Feminicídios: um longo debate. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 26, n. 2, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000200201&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. I, 420p, 2001.

JONG, Lin Chau; SADALA, Maria Lúcia Araújo; TANAKA, Ana Cristina D' Andretta. Desistindo da denúncia ao agressor: relato de mulheres vítimas de violência doméstica. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 744-751, dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000400018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

KRONBAUER, José Fernando Dresch; MENEGHEL, Stela Nazareth. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 5, p. 695-701, out. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000500001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

LAMOGLIA, C. V.; MINAYO, M. C. S. Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 595-604, abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000200028&script=sci_arttext> Acesso em: 18 set. 2020.

MENEGHEL, Stela Nazareth et al. Repercussões da Lei Maria da Penha no enfrentamento da violência de gênero. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 691-700, mar. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 set. 2020.

MORAES, Patrícia Regina de et al. A Teoria das Representações Sociais. [200-?]. Disponível em<http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2013/teoria_representacoes.pdf> Acesso em 22 set. 2020.

MOREIRA, Simone da Nóbrega Tomaz et al. Violência física contra a mulher na perspectiva de profissionais de saúde. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 6, p. 1053-1059, dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000600011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 291p, 1978.

MUSZKAT, Susana. Desamparo e violência de gênero: uma formulação. **Ide**, São Paulo, v. 31, n. 47, p. 125-132, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000200023&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 49-55, abr. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

NETTO, Leônidas de Albuquerque et al. Violência contra a mulher e suas consequências. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 27, n. 5, p. 458-464, out. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002014000500011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

OLINTO, Maria Teresa Anselmo. Reflexões sobre o uso do conceito de gênero e/ou sexo na epidemiologia: um exemplo nos modelos hierarquizados de análise. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 161-169, ago. 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X1998000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

PRESSER, Adriana Dewes; MENEGHEL, Stela Nazareth; HENNINGTON, Élide Azevedo. Mulheres enfrentando as violências: a voz dos operadores sociais. **Saude soc.**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 126-137, set. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

RANGEL, Carlos. Eduardo. de Araújo., & WENCZENOVICZ, Tháís. Janaína. Gênero e Violência: Interfaces com as Políticas Públicas nos Estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. **Barbarói, ed. esp.** Santa Cruz do Sul, n.47.p.144-161, jan./jun.2016. Disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/9581/6008>>. Acesso em 22 set. 2020.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes. I, 190p, 1996.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

SERPA, Monise Gomes. Perspectivas sobre papéis de gênero masculino e feminino: um relato de experiência com mães de meninas vitimizadas. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 14-22, abr. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface**, Botucatu, v. 11, n. 21, p. 93-103, abr. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 set. 2020.

SILVEIRA, Raquel. da Silva; NARDI, Henrique Caetano; SPLINDER, Giselle. Articulações entre Gênero e Raça/Cor em Situações de Violência de Gênero. **Psicologia e Sociedade**, v.26,

n.2, p.323-334, 2014. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n2/a09v26n2.pdf>>. Acesso em 22 set. 2020.

STREY, Marlene in: STREY, M. et al. **Psicologia Social Contemporânea: livro texto**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

APÊNDICE – A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Folha – 1

O sujeito de pesquisa ou seu representante, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas, apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

O pesquisador responsável deverá da mesma forma, rubricar todas as folhas, apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

Título do estudo: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: um estudo com mulheres vitimizadas

Pesquisador(es) responsável(is): Paula de Deus Vieira; Ana Luiza Martins Teixeira

Instituição/Departamento: Centro Universitário de Lavras **Curso de** Psicologia

Endereço postal: Rua Francisco Alves de Azevedo, 350 – Lavras/MG- 37.200-000; Rua Nicolau Cherem, 30 – Centro – Lavras/MG - 37.200-000

Endereço eletrônico: pauladedeus@unilavras.edu.br; ana_lu_mt@hotmail.com

Telefone pessoal para contato: (35) 987056321; (35) 997529680

Telefone institucional para contato: 0800 283 2833; 035 98848 9468

Local da coleta de dados: Rua Misseno de Pádua, 352 – Centro – Lavras/MG - 37.200-000: Edifício das Clínicas, sala 1002.

Prezado(a) Senhor(a):

- Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de forma totalmente voluntária.
- Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.
- Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar.
- Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.
- Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito, não acarretando qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

Objetivos do estudo: O projeto de pesquisa em questão visa identificar as representações que mulheres vítimas de violência doméstica dão à violência sofrida, baseando-se, para tal, na teoria das Representações Sociais de Mocovici e utilizando-se como instrumento a análise de conteúdo de Bardin.

Os objetivos específicos englobam:

- Realizar levantamento bibliográfico das produções contemporâneas a respeito da violência de gênero;
- Realizar entrevistas com vítimas de violência de gênero;
- Analisar as entrevistas, a fim de identificar as representações sociais a respeito do tema.

Justificativa do estudo: A violência de gênero é um fenômeno que atinge diversas mulheres, prejudicando-as física e psicologicamente e trazendo consequências para sua vida. Em seu nível máximo leva à morte da mulher, o feminicídio. Tal violência prejudica também o desenvolvimento do país:

O fenômeno da violência contra as mulheres acarreta sérias e graves consequências não só para o seu pleno e integral desenvolvimento, comprometendo o exercício da cidadania e dos direitos humanos, mas também para o desenvolvimento socioeconômico do país. (NARVAZ; KOLLER, 2006, p.8).

Considera-se o estudo do tema pela Psicologia de profunda relevância, visto que a violência de gênero, termo aqui utilizado abarcando a violência contra a mulher e a violência doméstica, acarreta sofrimento psíquico para a vítima.

Identificar como as mulheres representam tal violência, ou seja, o significado que as vítimas atribuem à violência se faz importante, no sentido de compreender a subjetividade das mesmas, sabendo-se que ao se descrever e nomear os fenômenos subjetivos é possível obter uma maior compreensão empática, propiciando, assim, melhores resultados no tratamento das mulheres vítimas de violência de gênero:

Para Jaspers, a tarefa inicial da “psicologia subjetiva” deveria consistir precisamente em distinguir os fenômenos subjetivos, descrevê-los e nomeá-los. Somente assim, a abordagem à subjetividade deixaria de ser um mero compartilhamento de experiência para se tornar conhecimento sistematizável, comunicável e testável. Isto caracterizaria a própria fenomenologia, como concebia. (RODRIGUES, 2005, p. 758).

Desta forma, ao se estudar a subjetividade de mulheres que sofrem ou sofreram violência de gênero, se torna possível um melhor trabalho na clínica psicológica e/ou nos grupos direcionados ao tratamento de vítimas e até mesmo de agressores.

Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas em responder às questões formuladas.

Benefícios. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, bem como uma reflexão sobre o mesmo, sem benefício direto para você.

Riscos. A participação nessa entrevista poderá representar risco de constrangimento, que será minimizado preservando o anonimato das entrevistadas e garantindo que todas as participantes poderão desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, caso assim desejem.

Sigilo. As informações fornecidas por você serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada com o pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

Lavras, _____ de _____ de 20__ .

Assinatura do Orientador: _____

Paula de Deus Vieira

CPF: 588.826.506-34

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

Ana Luiza Martins Teixeira

CPF: 141.114.866-57

Sujeito da Pesquisa/Representante Legal: _____

(Nome e CPF)

APÊNDICE – B

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, _____, ocupo o cargo de....., RG....., CPF....., AUTORIZO **PAULA DE DEUS VIEIRA**, RG _____, CPF _____, aluno Ana Luiza Martins Teixeira, realizar o projeto REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: um estudo com mulheres vitimizadas, que tem por objetivo primário identificar as representações que mulheres vítimas de violência doméstica dão à violência sofrida, baseando-se, para tal, na teoria das Representações Sociais de Mocovici e utilizando-se como instrumento a análise de conteúdo de Bardin..

Os pesquisadores acima qualificados se comprometem a:

- 1- Iniciarem a coleta de dados somente após o Projeto de Pesquisa ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.
- 2- Obedecerem às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos.
- 3- Assegurarem a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantem que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.
- 4- A pesquisa será realizada somente após assinatura do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pelo voluntário ou responsável.

Lavras, ____ de _____ de ____

Ximena Christina de Carvalho Oliveira

APÊNDICE – C

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: Um Estudo Com Mulheres Vitimizadas

Questões referentes a entrevista

- 1) O que você entende por violência de gênero?
- 2) Para você, o que é ser homem? E o que é ser mulher?
- 3) Qual você acredita ser a causa da violência contra a mulher?
- 4) Qual sua opinião sobre a violência de gênero?
- 5) E sobre o agressor?
- 6) Você acredita que o agressor possa mudar?

APÊNDICE – D

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
LAVRAS - FUNDAÇÃO
EDUCACIONAL DE LAVRAS /



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: um estudo com mulheres vitimizadas

Pesquisador:

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 96518318.6.0000.5116

Instituição Proponente: Fundação Educacional de Lavras-MG/Centro Universitário de Lavras -

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.980.850

Apresentação do Projeto:

O presente projeto de pesquisa tem por objetivo analisar as representações sociais que mulheres vítimas de violência de gênero atribuem à violência sofrida, baseando-se na teoria das Representações Sociais de Moscovici. Tendo em vista que o fenômeno da violência de gênero atinge diversas mulheres, considera-se o estudo do tema de grande relevância, sendo fundamental saber a perspectiva dessas mulheres diante da violência sofrida, a fim de compreender as subjetividades das mesmas, sabendo-se que a violência traz sofrimentos físico e psíquico para a vítima. Para isso, serão realizadas entrevistas no Grupo de Mulheres denominado "Dê voz ao seu silêncio", na cidade de Lavras-MG e será utilizado como método de interpretação a análise de conteúdo, de Bardin.

Objetivo da Pesquisa:

O projeto de pesquisa em questão visa identificar as representações que mulheres vítimas de violência doméstica dão à violência sofrida, baseando-se, para tal, na teoria das Representações Sociais de Moscovici e utilizando-se como instrumento a análise de conteúdo de Bardin.

Endereço: Rua Padre José Poggel, 506

Bairro: Centenário

CEP: 37.200-000

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3826-4188

Fax: (35)3826-4188

E-mail: cep@unilavras.edu.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
LAVRAS - FUNDAÇÃO
EDUCACIONAL DE LAVRAS /



Continuação do Parecer: 2.980.850

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Esta pesquisa está isenta de riscos físicos, mentais e morais. Corre-se os riscos de exposição e constrangimento, que poderão ser evitados preservando o anonimato das entrevistadas e na divulgação dos resultados. Além disso, as entrevistas serão feitas em local reservado e as participantes terão liberdade de escolher entre responder ou não as questões.

No que concerne aos benefícios, as entrevistas poderão proporcionar às entrevistadas uma reflexão acerca do assunto, podendo vir tomarem consciência das Representações Sociais que as mesmas atribuem à violência de gênero. Quanto aos benefícios indiretos, acredita-se que a pesquisa possa proporcionar um melhor respaldo para profissionais da área da Psicologia no que se refere ao atendimento de mulheres vítimas da violência de gênero.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Após a reelaboração do projeto meu parecer é de aprovação do projeto, pois todas as pendências foram acatadas e resolvidas com êxito, nos seguintes itens:

TCLE – Foi reelaborado conforme modelo disponível no site e preenchido de forma correta.

Termos de autorização – assinado pela responsável do grupo local, que não seja a orientadora;

Material e Métodos – Foi apresentado o local de realização da pesquisa com o endereço, o número de participantes também foi escrito de 5 a 10 participantes, uma vez que a pesquisa será qualitativa;

Aspectos éticos:

Inclusão e Exclusão – reelaborado de forma correta;

Riscos e Benefícios – o risco foi apresentado de forma correta, bem como a forma de minimizá-lo.

Crítérios para suspender ou encerrar a pesquisa - reelaborado também.

Cronograma de execução – agora completo definido as datas de coleta e análise dos dados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos assinados e de forma correta.

Recomendações:

Nenhuma recomendação a ser feita.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pesquisa com um tema atual e relevante para a ciência e a sociedade. Após a reformulação dos critérios solicitados pelo CEP a Projeto encontra-se correto, conforme resolução 426/2012 da

Endereço: Rua Padre José Poggel, 506

Bairro: Centenário

CEP: 37.200-000

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3826-4188

Fax: (35)3826-4188

E-mail: cep@unilavras.edu.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
LAVRAS - FUNDAÇÃO
EDUCACIONAL DE LAVRAS /



Continuação do Parecer: 2.980.850

CONEP. Sendo o meu parecer pela aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado está de acordo com o parecer do relator

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	Entrevista.pdf	08/10/2018 08:13:51	Luciana Aparecida Gonçalves Oliveira	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1202440.pdf	25/09/2018 09:37:34		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	20180924203827895.pdf	25/09/2018 09:36:55		Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO EP2868809.pdf	24/09/2018 23:23:59		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	24/09/2018 23:23:43		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	pesquisamulher.docx	24/09/2018 23:22:42		Aceito
Folha de Rosto	NovoDocumento20180822162040.pdf	22/08/2018 18:06:08		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LAVRAS, 25 de Outubro de 2018

Assinado por:

Luciana Aparecida Gonçalves Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Padre José Poggel, 506

Bairro: Centenário

CEP: 37.200-000

UF: MG Município: LAVRAS

Telefone: (35)3826-4188

Fax: (35)3826-4188

E-mail: cep@unilavras.edu.br